

Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Batista
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ivan Vale de Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Arte comentada 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-227-2
DOI 10.22533/at.ed.272202407

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte, neste e-book, dá textura e compõe os sentidos que estão presentes em cada um dos capítulos, comentados e discutidos por seus autores, reafirmando a necessidade de existência da arte. A arte constitui-se na experiência dos sujeitos com a obra e da obra com seus apreciadores, pois todos nós temos uma relação de aproximação com o fazer artístico como representação das atitudes humanas.

É preciso compreender quantos segredos podem ser descobertos em cada modalidade artística e quantas artes podem ser comentadas. A arte nos possibilita viajar sem que saíamos do lugar de origem, ela nos envolve em um processo de planejamento, apreciação, produção e análise, pois as redes de saberes artísticos inserem os sujeitos em um processo contínuo de investigação.

A arte constitui-se a partir de um objeto artístico em que tal objeto pode ser interpretado pelo olhar do observador, pois a reconstrução interpretativa de cada obra de arte é única, nenhum olhar é igual ao outro ao observar as nuances, os sentidos e os sentimentos que as obras de arte possibilitam. O que seria de nós sem o papel essencial da arte?

Desde a pré-história, já nas chamadas pinturas rupestres, percebemos que as marcas artísticas vêm sendo adaptadas aos contextos de utilização. Embora como muitos pensam a arte não tem apenas o poder de encantar, mas também de problematizar questões e propor as soluções para os contextos comunicativos, poéticos e estéticos.

As linguagens artísticas exigem planejamento para sua execução e podem ser percebidas tanto no teatro, na dança, nas artes visuais, nas artes cênicas quanto na música. Assim, a arte é vista como experiência e a principal e maior vivência artística está na constituição do texto em que os saberes poéticos e estéticos são e podem ser compartilhados nas possibilidades contextuais.

Todos os capítulos que dão forma a este e-book trazem os leitores para os contextos mágicos, eficazes e necessários possibilitados pela arte. Com isso desejamos excelentes reflexões e que o colorido dos trabalhos os auxilie na coloração do mundo desbotado, pois a experiência da arte fortalece-se, reconstrói-se e estabiliza-se na instabilidade de olhares apreciativos atento às pinceladas, aos passos marcados, às feições, aos sons e ao deslizar da caneta no papel tornando o texto uma prosa poética, artística e iluminada no palco da existência.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A HISTÓRIA DA ARTE, A OBRA DE ARTE E A FASCINANTE REALIDADE DA AMBIGUIDADE VISUAL.	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.2722024071	
CAPÍTULO 2	16
ELA É: UMA PERFORMANCE <i>DRAG</i> COMO EXERCÍCIO ARTÍSTICO-POLÍTICO	
Lívia Rocha Helmer	
Reyan Perovano	
DOI 10.22533/at.ed.2722024072	
CAPÍTULO 3	24
O QUE É NECESSÁRIO PARA SE FAZER UMA FOTOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Cristiane Martins	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2722024073	
CAPÍTULO 4	34
ESPOSAS, MARIDOS E CASAMENTOS: O DES(AMOR) COMO SIGNIFICADO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	
Natasha Satiko Miamoto	
João Paulo Baliscei	
DOI 10.22533/at.ed.2722024074	
CAPÍTULO 5	48
MULHER-MARAVILHA: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NA CINEMATOGRAFIA	
Gabriella Maidana de Mello Miranda Gonçalves	
Claudia Priori	
DOI 10.22533/at.ed.2722024075	
CAPÍTULO 6	61
CRAVO BRASILEIRO, COM CERTEZA	
Rosana Lanzelotte	
Carlo Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.2722024076	
CAPÍTULO 7	72
DESENHO DE MEMÓRIA NA DEFICIÊNCIA VISUAL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2722024077	
CAPÍTULO 8	82
O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO	
Vitor de Almeida Sawaf	
DOI 10.22533/at.ed.2722024078	

CAPÍTULO 9	94
REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MUSICAL DE PROFESSORES	
Lisiane Mari de Souza Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.2722024079	
CAPÍTULO 10	105
A MÚSICA E O CÉREBRO EXECUTIVO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
Maria Clotilde H. Tavares	
Sandra F. C. Dourado Freire	
DOI 10.22533/at.ed.27220240710	
CAPÍTULO 11	117
HETEROGÊNESE EM DISPOSITIVOS FOUCAULTIANOS NA EXPERIMENTAÇÃO COM ARTE E TECNOLOGIA	
Leonardo da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.27220240711	
CAPÍTULO 12	130
EXEMPLOS DE <i>EPIZEUXIS</i> EM JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA	
Eliel Almeida Soares	
Rubens Russomanno Ricciardi	
DOI 10.22533/at.ed.27220240712	
CAPÍTULO 13	143
AS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA (IM)PERFEITA NAS VISUALIDADES DA ARTE CONTEMPORÂNEA:UM ESTUDO INICIAL SOBRE REPRESENTAÇÕES	
Natasha Satico Miamoto	
João Paulo Baliscei	
DOI 10.22533/at.ed.27220240713	
CAPÍTULO 14	151
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBSERVAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO COMO RITMISTA	
Michele de Almeida Rosa Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.27220240714	
CAPÍTULO 15	158
<i>ANIMALIS IMAGINIBVS</i> – (AS)SIMETRIAS ENTRE ARTE E CIÊNCIA NA OBRA DE MAURO ESPÍNDOLA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.27220240715	
CAPÍTULO 16	167
RE-TRATO FEMININO	
Maria de Fátima Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.27220240716	

CAPÍTULO 17	175
UM <i>PODCAST</i> MUSICADO E SEU USO COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR	
Thércio Lima Menezes Paulo Roberto Affonso Marins Eloisa Assunção de Melo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.27220240717	
CAPÍTULO 18	185
OBSERVADORES EFÊMEROS E IMAGEM-SINTOMA EM PETER BRUEGHEL: UMA CONEXÃO COM GEORGES DIDI-HUBERMAN	
Ilma Guideroli	
DOI 10.22533/at.ed.27220240718	
CAPÍTULO 19	192
ANÁLISE DO MAXIXE “DUETO DE LUMINÁRIAS E DIABO”: COPLA PARA CANTO E PIANO DA MÁGICA - A BOTA DO DIABO	
Renata Freitas Borges Flávio Cardoso Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.27220240719	
CAPÍTULO 20	204
A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH E UMA ANÁLISE DO FILME <i>A PIRÂMIDE HUMANA</i>	
Eduardo Antonio Ramos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.27220240720	
SOBRE O ORGANIZADOR	213
ÍNDICE REMISSIVO	214

DESENHO DE MEMÓRIA NA DEFICIÊNCIA VISUAL

Data de aceite: 01/07/2020

Ivan Vale de Sousa

RESUMO: O desenho de memória, neste capítulo, realizado por alunos com deficiência visual representa o foco desta discussão. Nesse sentido, os objetivos que dão forma a este texto são: compreender como os deficientes visuais representam seus desenhos de memória, discutir a importância da arte memorialística nas experiências dos sujeitos, realizar práticas com desenho de memória com deficientes visuais e analisar os traçados feitos à luz das esferas artísticas, investigando as competências e as limitações dos sujeitos envolvidos na experimentação.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho. Memória. Deficiência visual. Experiências.

1 | INTRODUÇÃO

A educação em Arte pressupõe o envolvimento de fatores como as vivências e a realidade dos envolvidos no processo, articulando conhecimento e experiências

1. Utilizo neste capítulo os termos **deficientes visuais**, **limitação visual** e **invisuais** para me referir tão-somente às pessoas com cegueira.

de aprender e enaltecendo as habilidades necessárias ao fazer artístico: aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a ser e aprender a fazer.

Considerar o conhecimento de mundo do aluno e ampliar sua visão constitui-se como características de uma educação com base nos preceitos de valorização da cultura, da cidadania e das ações humanitárias, uma vez que a atividade artística se refaz nas práticas societárias como bens culturais, identitários, individuais e coletivos.

A complexidade de educar em Arte as pessoas com deficiência visual¹ considera as experiências de aprender a criar, articulando o conhecimento à prática, da imaginação à sensibilidade, das possibilidades interventivas à produção e da contextualização do saber, guardando as experiências acumuladas no passado e perpetuando as tradições.

Nessa perspectiva, o estudo sobre as visualidades com sujeitos limitados visualmente parte da proposta e análise de desenhos de memória como recurso de compreensão das possíveis intervenções no ensino de Arte em uma proposta reflexiva no fazer/vivenciar as poéticas visuais na

cidadania escolar e artística desses sujeitos.

2 | ENSINO DE ARTE E DESENHO DE MEMÓRIA NO CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL

Em meio às discussões sobre deficiência visual, alguns estigmas são comuns, um deles é a preocupação em utilizar os termos a fim de que eles não soem pejorativamente, tampouco reflitam ou marquem preconceitos. Nesse sentido, algumas pessoas preferem a utilização do termo *deficiente visual* à palavra *cego*. Entretanto, o conceito de deficiência visual é mais abrangente, uma vez que não contempla somente a cegueira como também a baixa visão (visão subnormal). Embora existam aqueles que acreditam ser pejorativo e preconceituoso o termo *cego*, no presente trabalho não compartilha dessa concepção.

As poéticas visuais representam uma grande incógnita para as pessoas com limitação visual, por isso, propor uma educação em Arte com esses sujeitos significa se debruçar sobre os desafios, questionamentos e possibilidades. Sabe-se que a arte é criação humana e se materializa na promoção das formas tradicionais e culturais em que o homem se propõe investigar, visto que é por meio da linguagem que o sujeito se constitui.

Para Jiménez (2011), a união de imaginação e realidade pressupõe a criação de imagens, ideias, impressões e atitudes que estão de acordo com o estado de espírito que é gerado por essa relação. Nesse sentido, os sentimentos criam um dispositivo apropriado ou não apropriado para o aprendizado e o desenvolvimento de certo tipo de pensamento e, nesse caso, o desenho de memória.

A análise do desenho de memória reflete sobre o emocional de seus idealizadores. Essa técnica para os invisuais revela contextos vivenciais que, muitas vezes, podem ser omitidos na produção oral ou textual, enriquece as percepções acerca do entendimento intelectual e do campo emocional, transformando-se em outras histórias, servindo como base de abertura para reflexões interventivas em qualquer área do conhecimento.

Ressignificar o desenho como uma das vertentes das Artes Visuais às pessoas cegas pressupõe ampliar o olhar sobre o exercício de memória capaz de transpor a uma relação de simbiose entre a imaginação, a fantasia e a construção de realidades, já que isso lhes possibilita a comunicação de maneira diversa, conectando pessoas, lugares, contextos, saberes e épocas.

Conforme Brasil (2001), as Artes Visuais além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial) incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modalidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance). Cada uma dessas visualidades é utilizada de modo particular e em várias

possibilidades de combinações entre imagens, por intermediário das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si de diferentes maneiras.

A construção e o fortalecimento da identidade têm relação com a memória, uma vez que o ato de lembrar determina ao indivíduo o resgate de valores e a transmissão de experiências em um determinado grupo social.

Utilizar o desenho como exercício de memória com pessoas cegas implica compreender de que forma a memória preserva fatos e ações vivenciados. Vale ressaltar que a deficiência visual classifica-se em visão subnormal (baixa visão) e cegueira. Esta por sua vez, pode ser denominada adventícia e congênita. A primeira incidência visual pode ser manifestada de forma repentina ou por enfermidades, enquanto a segunda, compreende à fase do nascimento ou ocasionada nos primeiros anos de vida.

O desenho de memória para as pessoas com cegueira representa um exercício etnográfico, ou seja, um registro descritivo das lembranças experienciais e de resgate histórico, além de apontar por quais caminhos o professor deve seguir na proposição de atividades que levem em consideração a participação dos sujeitos.

Para compreender a pessoa com deficiência visual e sua maneira de relacionar-se no mundo que a cerca, há sempre a considerar sua estrutura perceptual e cognitiva, que exprime ao mesmo tempo sua generalidade e especificidade (o conteúdo e a forma, e a dialética entre ambas). O ponto de partida é, pois, saber de sua **experiência perceptiva**. (MASINI, 2007, p. 23, grifos meus)

Considerar a experiência perceptiva da pessoa com limitação visual subjaz oferecer as condições necessárias para que ela se desenvolva como as outras, como também ter acesso à informação (conhecimento), ao convívio social, à construção crítica de sua personalidade e ao exercício pleno da cidadania.

Se o desenho compartilha as fases da evolução da percepção e da imagem mental, como trabalhar as Artes Visuais e removerá-los com os sujeitos limitados visualmente? É possível? Para responder tais questionamentos, devem-se considerar alguns fatores: para a pessoa com cegueira congênita, deve-se lançar olhares acerca das informações, manipulações de objetos, mapeamentos dos ambientes e dos estímulos sensorio-motores oferecidos durante o processo formativo e educacional do ser congênito. Já para aquele com cegueira adventícia, considera-se o tempo da incidência visual como também o período de vivência como um ser vidente (aquele que ainda consegue enxergar). Vale ressaltar, ainda, que em relação à apropriação do desenho enquanto visualidade poética para o cego congênito é uma discussão que merece a realização de outras reflexões.

O desenho para os sujeitos cegos caracteriza-se como traços em formas de garatujas, ou seja, desenho por assimilação e com grandes significados, merecendo uma atenção especial, podendo ser um veículo de autoexpressão ou como desenvolvimento da representatividade das práticas sociais desses indivíduos. Embora a arte de desenhar constitua-se como uma atividade efêmera, nela são revelados traços emocionais e

vivenciais de seus criadores.

Quando o indivíduo é acometido pela incidência visual nem sempre é fácil auxiliá-lo nas atividades cotidianas, muitos agem de forma errônea, compreendendo que auxiliar traduz-se em fazer todas as coisas por ele, enquanto que o conhecimento acerca da causa fortalece a busca pelos mecanismos de independência e autonomia do sujeito, por isso é importante compreender as fases vivenciadas a partir da incidência visual e das atitudes do sujeito acometido.

Fase de torpor: fase da negação do problema; pode durar momentos, semanas ou meses; **fase de saudade da figura perdida:** refere-se à fase em que há uma busca incessante de tratamentos para recuperação da visão; **fase de desorganização;** refere-se à fase de maior expressão de sentimentos de raiva, busca de culpados e depressão; **fase de reorganização/ aceitação:** refere-se ao momento de aceitação da perda visual e maior envolvimento com o processo de reabilitação. (ARRUDA; MONTILHA, 2007 apud SOUSA, 2012, p. 22, grifos meus)

Nessa nova fase em que o deficiente adventício se encontra tudo será traduzido de maneira nova e desafiadora, por isso, é importante possibilitar-lhe a conquista de forma gradativa da autoestima, reconstruindo-se como ser independente na continuação de conquistas enquanto ser humano, adaptando-se às novas formas peculiares de aprender e perceber as coisas.

A educação em Arte na concepção dos invisuais precisa ultrapassar o caráter atrelado à teoria da livre-expressão ou da corrente espontaneísta da Arte-Educação. Na contemporaneidade o ensino de Arte deve ser contextualizado, levando em consideração a realidade dos sujeitos, sendo indispensável ao professor mobilizar competências e aprimorar habilidades de modo que a escola seja um ambiente propício ao processo de criação, reflexão, questionamentos, respostas e transformações.

Para Magalhães (2002), os cegos, apesar do grande sofrimento que lhes causa a ausência de imagens externas, são obrigados a conviver com o seu imaginário de uma forma rica e intensa. A partir desta experiência, estas pessoas passam a ver muito mais do que nós, videntes, possamos imaginar e, a partir deste fato, passamos a ser cegos diante deste rico mundo de imagens que para eles é cotidiano, o da percepção.

O objetivo desta discussão não é adjetivar as pessoas cegas como seres sobrenaturais ou similares, mas, propor reflexões sobre o ensino de Arte em uma proposta de adaptações às necessidades educacionais desses sujeitos. As linguagens artísticas nessa concepção devem estar vinculadas ao modo efetivo, à liberdade dos processos cognitivos e à capacidade de convivência e da expressão, contribuindo para o processo maturativo das pessoas acometidas pela cegueira.

Sabe-se que as formas, os contornos e os volumes são características do desenho como também das esculturas. Investigar o pensamento do sujeito com limitação visual significa oferecer-lhe as condições de aprender pela experiência, aprender a fazer, propor-se aos desafios e refletir sobre as possibilidades de construção e dos mecanismos de

aprendizagem. A escultura é uma excelente ferramenta de construção de saberes, porque possibilita a formulação de conceitos, uma vez que o contato com a obra promove diálogos entre o aprender e o fazer, pressupondo a origem de questionamentos e o confronto entre as diferentes concepções acerca de uma mesma estética.

Educar em Arte favorece o conhecimento diversificado em uma estética de possibilidades com práticas docentes adaptadas às necessidades estudantis. Para mediar o conhecimento é necessário sabê-lo e em Arte isso não se distancia. Ao propor atividades desafiadoras, como é o caso do desenho de memória para sujeitos cegos, entende-se que o professor assume a função de investigador das possibilidades interventivas capazes de mobilizar o desenvolvimento de habilidades, aptidões estéticas e culturais.

A Arte na função de disciplina contribui e cria novas estratégias de aprendizagens sob o enfoque cognitivo capaz de gerar conhecimento através de suas funções artísticas atribuídas ao ensino no currículo escolar como “função terapêutica libertadora das emoções; outras, ainda apontam a necessidade da arte para impulsionar o desenvolvimento do pensamento criativo; outros acham que a arte ajuda a compreender melhor as disciplinas acadêmicas” (JIMÉNEZ, 2011, p. 69).

Em uma proposta de valorização das vivências a Arte não é concebida segundo esta discussão como um processo de cura, autoajuda ou com funções terapêuticas, porém com enfoque cognitivo para aprender a compreender outras formas de conhecimentos sociais e culturais, considerando a experiência de vida dos sujeitos para gerar novas relações e formas de aprender a aprender.

A Arte como experiência humana além das funções geradoras de conhecimentos, das diversificadas formas de criação e interpretação possibilita o autoconhecimento e o relacionamento com outras experiências de aprendizado.

A relação entre o mundo pessoal e social está intimamente ligada às questões educacionais e culturais, se partirmos da premissa de que a educação é promotora de direitos civis, de exercício e práticas cidadãs e da cultura enquanto veículo de conhecimento de tradições que se perpetuam, perceberemos a grandeza do conhecimento. Todavia, vale ressaltar que a educação é o centro e pode estar repleta de valores os quais são os pilares orientadores da sociedade.

Conforme Jiménez (2011), a arte favorece o autoconhecimento e estimula um estado de espírito capaz de mobilizar a energia e o desenvolvimento de processos cognitivos flexíveis, de certa confiança para movimentar-se dentro da instabilidade, da incerteza, do provisório, do efêmero, do polissêmico, do emergente ou com fluxos descontínuos, cuja lógica não se encontra na sequência, mas na simultaneidade ou na desordem e complexidade, então ela pode representar um papel fundamental no currículo de uma escola de educação básica que deseje contribuir para gerar novas estratégias de aprender a aprender, aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a fazer.

As estratégias de aprendizagem em Arte para sujeitos com limitação visual perpassam

pelas mesmas habilidades da educação regular. Pensar no ensino de Arte na Educação Básica na concepção de práticas inclusivas significa possibilitar o direito à educação integrada às políticas culturais. Assim os estudos das visualidades para esses sujeitos pressupõem alimentar a imaginação criadora, refletir sobre a realidade tendo por base as referências e as informações destinadas à construção de repertório.

Para que a criação de poéticas pelo educando em reflexão possa ser avaliada é fundamental a oferta das mais diversificadas informações acerca de um mesmo objeto ou, ainda, diferentes concepções sobre uma mesma temática. Essa riqueza de detalhes permite a produção do conhecimento criando uma relação entre a imaginação e a realidade.

O conhecimento não tem por base apenas a linguagem verbal ou hipóteses, por isso é fundamental associá-lo às vivências do aluno com cegueira. A convivência, a socialização e a interação são significativas para que este tenha oportunidade de confrontar suas ideias, formular seus conceitos, organizar seu pensamento e tirar suas conclusões. (SOUSA, 2012, p. 23)

O histórico do ensino de Arte no Brasil sempre representou a abertura de caminhos em meio aos grandes desafios dessa disciplina enquanto promotora de reflexão e de formação. Para os invisuais desbravar novos territórios, projetar novos percursos, investigar novas metodologias e acolher estratégias inovadoras de aprendizagens significa tornar o processo de formação em Arte uma experiência carregada de significados, pois a vivência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21).

3 | AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS E OS SUJEITOS DEFICIENTES VISUAIS

A proposta sobre visualidades com sujeitos cegos realizou-se em 2007 na Unidade Educacional Especializada em Deficiência Visual Jonas Pereira de Melo, sediada na cidade de Parauapebas, estado do Pará, referência no Atendimento Educacional Especializado – AEE no município sob a coordenação da Secretaria Municipal de Educação de Parauapebas.

Com o objetivo de compreender as vivências desses sujeitos na perspectiva de um ensino de Arte, propus uma experiência com a utilização do desenho de memória, posteriormente, dando formas, volumes e contornos acerca dos diferentes conceitos construídos sobre as poéticas visuais da memória, assim como podiam ser investigadas e trabalhadas as possibilidades de estudos estéticos com o público em análise.

Na vertente de uma proposta artística enquanto interação social e valorização dos fazeres pessoais e coletivos buscou-se compreender qual o conceito de arte se aplicaria de forma plausível à proposta em questão. Assim, em uma perspectiva de arte como experiência social, entendemos que a “arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas” (VYGOTSKY, 1999, p. 315).

Nessa abordagem participaram da proposta quatro alunos, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino com idade entre 25 a 31 anos. O trabalho teve como tempo de realização o prazo de dois meses, vale ressaltar que alguns desses alunos são cegos adventícios, logo, já tinham experiências visuais. A proposta dividiu-se em seis etapas, conforme apresentadas a seguir.

A primeira fase partiu do convite aos quatro alunos, assim como a explicação da proposta e dos objetivos e como essas vivências poderiam ser retratadas através do desenho de memória. Dialogamos sobre a importância do trabalho para o estudo das poéticas visuais e para a vida pessoal de cada participante.

A elaboração de mapas mentais foi desenvolvida na segunda etapa, na qual cada participante criou um desenho sobre alguma vivência, para isso receberam uma cartolina e um lápis. Os desenhos criados assemelhavam-se aos traços em formas de garatujas, mas com significados cognitivos e emocionais, representando a vivência do aluno-artista. Na sequência discutimos sobre as propostas da criação de cada desenho, o que se pretendia retratar a partir dos traços transpostos ao papel, quais as representações e os nomes receberiam as futuras obras.

Na terceira etapa os desenhos (traços) foram adaptados por mim, proponente da experiência, ou seja, contornados com barbantes para que pudessem perceber as formas criadas e compreendessem como o pensamento coordenava as ações. Durante a análise dos desenhos por seus autores, perceberam que o pensamento se organizava e se enriquecia a partir dos estímulos recebidos.

Na quarta etapa, iniciamos um trabalho de motricidade fina, a qual consistia em amassar e, posteriormente, rasgar jornais em pequenos pedaços, essa ação durou duas semanas. O objetivo era dar forma aos desenhos, assemelhando-os a esculturas transpostas as telas visuais. Na quinta fase, tivemos início ao trabalho de colagem, percepção tátil, com os pedaços de jornais sobre os desenhos, a intenção era preenchê-los, criando uma textura com diferentes ondulações, para posteriormente ser apreciada por outros colegas invisuais. Esta etapa foi realizada de maneira individual.

Na sexta etapa tivemos a aplicação das cores. Mas como trabalhar cores com pessoas cegas? A cor quente e fria trabalha-se por assimilação, esclarecendo que essa traz a ideia de tranquilidade, enquanto aquela transmite a essência de agitação, vivacidade. O professor de Arte poderá fazer sempre assimilações para que o aluno busque referências vivenciais sobre a importância das cores para as linguagens artísticas. Para o sujeito com cegueira adventícia, pode-se investigar mais um pouco, se considerarmos o tempo incidência visual, fazendo um resgate sobre a noção de cores, como por exemplo, o verde lembra as folhas das árvores, a cor branca lembra o leite, etc., enquanto para o cego congênito o trabalho se faz através de informações, uma vez que as cores não são percebidas pela visão. O uso das cores com cegos congênitos é uma questão que merece ser investigada sob diferentes concepções.

4 | GALERIA DE ARTE: O ARTISTA SOU EU

Como resultado da intervenção os trabalhos foram expostos no **I Fest Art Unidade** (Festival Artístico da Unidade) no qual a comunidade escolar e a família prestigiaram as produções artísticas. Além da exposição das telas dos alunos, aconteciam também às apresentações dos programas de atendimento da instituição, como apresentações de Iniciação Teatral, amostras de trabalhos de Língua Portuguesa, de Estimulação Visual e Práticas para uma vida independente, entre outras atividades.

A participação dos alunos foi importante, assim como o envolvimento com todas as etapas do trabalho, constituindo-se como desafios de aprender a arte apontando novas direções no processo de aquisição do conhecimento com foco nas linguagens artísticas, entretanto, os desafios sempre porão à prova as práticas docentes, requerendo de professores e coordenadores atenção sobre as formas de ensinar e as maneiras peculiares de aprender.

Vivemos, continuamente, cercados por imagens e sinais gráficos que contam histórias e que se misturam às nossas, logo, ver e fazer são atos cognitivos e conceptivos de pensamento, de si mesmo e do outro. As poéticas visuais ensinam que é possível transformar constantemente a existência e para isso é preciso mudar as referências a cada momento, pois, criar e conhecer ou vice-versa são indissociáveis e a flexibilidade é condição imprescindível para aprender/fazer. Assim, demonstro, abaixo, as obras realizadas com os nomes de seus autores, já que são adultos.



Imagem 1: A árvore

Autora: Maria da Penha Pereira de Araújo



Imagem 2: O Amor

Autor: Francisco de Assis Marques Santana



Imagem 3: A mente

Autor: Wagner Soares Faria

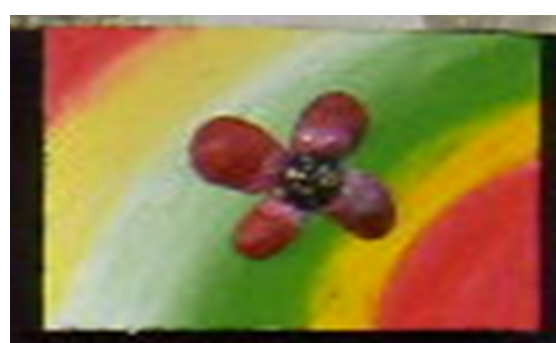


Imagem 4: Uma flor

Autora: Merivalda de Matos

As experiências dão suporte às representações, teorias e conceitos sobre o ensino de Arte. As poéticas visuais na perspectiva de sujeitos com deficiência visual podem ser consideradas como processo de construção do conhecimento em Arte, assim como propõe o desenvolvimento das habilidades artísticas. É necessário, portanto, oferecer ao aluno cego as mais diversas e ricas informações em quaisquer campos do conhecimento, permitindo-lhe que “crie suas poéticas onde gera códigos pessoais” (BRASIL, 2001, p. 62).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inclusão antes de acontecer nos âmbitos escolares e na sociedade como um todo é necessário primeiro que se concretize dentro de cada um de nós, pois a verdadeira inclusão ultrapassa todos os conceitos ou estereótipos estabelecidos e alimentados por uma sociedade que, muitas vezes, é promotora de comportamentos excludentes e discriminatórios.

Esta proposta de ensino de Arte a partir do resgate do desenho de memória representou apenas uma das inúmeras possibilidades de ensiná-la em um contexto de oportunidades. Educação, Arte e Inclusão são áreas que devem ultrapassar todas as bases promotoras de exclusão, assim, a inclusão em uma concepção de valorização, de estudo e de reflexão das poéticas visuais pode desmistificar muitos mitos em relação à educação das pessoas com deficiência.

Não é preciso a elaboração de projetos mirabolantes, mas propostas que envolvam os sujeitos e lhes permita ocupar os lugares de destaque como protagonistas de suas histórias e experiências. Assim sendo, os apontamentos apresentados durante esta discussão não podem ser tomados como pontos encerrados, já que a inclusão é contínua, entretanto, projete novos desafios e calorosas reflexões na perspectiva de uma educação em Arte capaz de acolher a diversidade, possibilitando o crescimento pessoal, cognitivo, estético e cultural dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, São Paulo, p. 20-28 jan./fev./mar./abr., 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3ª ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

JIMÉNEZ, Lucina. Arte, Ciência e Cultura: para reconciliação do pensar e do sentir. In: COELHO, Teixeira (Org.). **Cultura e educação**. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2011.

MASINI, Elcie F. Salzano. As especificidades do perceber. In: MASINI, Elcie F. Salzano. (Org.). **A pessoa com deficiência visual: um livro para educadores**. 1ª ed. – São Paulo: Vetor, 2007.

SOUSA, Ivan Vale. **A linguagem teatral na educação como processo inclusivo de alunos deficientes visuais cegos**. (Monografia de Graduação em Teatro). Imperatriz – MA: Universidade Federal do Maranhão – UFMA, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agenciamento Criativo 117, 120, 128

Ambiguidade Visual 1, 5, 13

Análise Musical 130, 202

Andragogia 94, 95, 96, 97, 103, 104

Aprendizado Musical 105, 109, 110, 111, 114

Arte 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 96, 99, 103, 117, 130, 132, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 185, 186, 189, 191, 196, 202, 203, 207, 212, 213

Artes Visuais 35, 48, 73, 74, 159, 185

B

Biogravura 158, 160, 162, 166

Borboleta 158, 162

C

Ciência 2, 3, 6, 15, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 92, 96, 103, 106, 115, 121, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 177, 180, 182, 186, 189

Cinema 34, 35, 48, 49, 55, 56, 57, 60, 73, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 144, 205, 207, 212

Cognição 105

Compositores Brasileiros 61, 66, 68, 69, 70, 193

Corpo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 40, 44, 55, 57, 59, 60, 88, 106, 107, 108, 120, 122, 124, 127, 128, 129, 163, 164, 167, 168, 169, 174

Cravo Brasileiro 61, 66, 69

Cravo no Brasil 61

Cultura Visual 12, 14, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

D

Deficiência Visual 72, 73, 74, 77, 80

Desenho 21, 23, 25, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 164, 172

Desenvolvimento 2, 24, 25, 26, 38, 73, 74, 76, 80, 95, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 132, 145, 146, 153, 156, 159, 174, 177, 178, 179, 205

Dispositivo 8, 73, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 187

Drag 16, 17, 18, 19, 20, 21

E

Educação 24, 33, 47, 48, 75, 77, 80, 94, 100, 102, 103, 104, 116, 143, 144, 145, 148, 150, 157, 183, 185, 213

Educação Musical 94, 95, 97, 102, 103, 104, 178

Epistemologia 1

Epizeuxis 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Estudos Culturais 34, 35, 36, 143, 144, 146, 148, 149, 150

Experiências 5, 17, 27, 29, 31, 32, 38, 67, 72, 74, 76, 77, 78, 80, 85, 87, 106, 108, 129, 143, 146, 148, 156, 176, 194, 206, 211

F

Família 36, 37, 42, 49, 79, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 170, 173

Feminismo 23, 46, 48, 54, 55, 60

Formação 4, 25, 26, 33, 56, 77, 85, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 145, 146, 149, 157, 159, 163, 167, 176, 195, 202

Fotografia 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 73, 91

Funções Executivas 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115

G

Gênero 17, 18, 19, 23, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 67, 82, 84, 85, 87, 88, 91, 93, 124, 147, 149, 150, 168, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 202

H

Heterogênese 117, 120, 127, 128, 129

História da Arte 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 167, 170, 174, 185, 191

I

Identidade 6, 19, 23, 35, 42, 43, 46, 74, 82, 104, 147, 150, 163

Imagem 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 56, 59, 60, 74, 79, 122, 144, 146, 148, 150, 164, 168, 170, 173, 174, 185, 186, 189, 190, 191

Infância 10, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 181

Inquietações 1, 2, 25, 147, 197

Inteligência Musical 94, 95, 98, 99, 102

M

Memória 6, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 194

Metamorfose 158, 162

Mulher-Maravilha 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Musica Colonial Brasileira 130

O

Olhar 6, 12, 14, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 55, 56, 57, 73, 101, 134, 146, 149, 153, 166, 167, 168, 186, 187, 188, 190

P

Patriarcado 48, 59

Política 16, 17, 19, 23, 50, 149, 197, 205, 209

Professores 31, 33, 66, 79, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 144, 145, 154, 172, 178

R

Representação 5, 13, 17, 19, 28, 34, 35, 36, 39, 40, 48, 50, 54, 55, 57, 59, 84, 164, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 191

Retórica Musical 130

S

Séculos 20 e 21 61

Simetria 19, 158, 162, 163, 164

V

Visualidades 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 72, 73, 77, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150

Arte Comentada 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Arte Comentada 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020